

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Raquel Pereira dos Santos

Quando as palavras dançam

Pequena coreografia do adeus de Aline Bei

Brasília – DF

2022

Raquel Pereira dos Santos

Quando as palavras dançam

Pequena coreografia do adeus de Aline Bei

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português e
Respectiva Literatura da Universidade de Brasília como
pré-requisito para a obtenção do Título em Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Trindade Nakagome.

Brasília – DF

2022

À minha mãe, que um dia ela possa dançar com as palavras
não ditas e guardadas.

“- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.”

Manuel Bandeira, no livro *Estrela da Vida Inteira*.

AGRADECIMENTOS

Meu mais sincero obrigada, primeiramente, à compreensiva e acolhedora Patrícia, excelente professora e minha orientadora neste trabalho. Agradeço também a meus pais, Rute e Manoel, que tanto lutaram para que a educação não me faltasse e para que eu soubesse valorizá-la. Irmã querida, Patrícia, agradeço pelas conversas, pelo apoio e por ser inspiração de quem eu quero ser na minha vida profissional. Gratidão a meus amigos, que confiaram em mim e no meu processo de estudo. À querida Aline Bei, autora da obra, que é uma artista de extrema acessibilidade e educação, agradeço de coração a conversa que trocamos. Obrigada, fé que habita em meu interior, se eu não acreditasse em mim e em Deus, essas palavras não teriam sido construídas. Aos momentos de leitura e escrita no Taguaparque, às madrugadas que mergulhei em livros, aos espaços da Universidade de Brasília, obrigada. A todos que apreciam, respeitam e valorizam a leitura e a escrita, dedico este trabalho como fonte agregadora de conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 OBSERVANDO A DANÇA.....	11
1.1 A dança das palavras.....	11
1.2 A dança entre prosa e poesia	14
1.3 A dança e o dançarino.....	15
2 DANÇANDO COM AS PALAVRAS.....	18
2.1 Movimentos violentos.....	18
2.2 Movimentos contraditórios.....	21
2.3 O corpo.....	25
2.4 A dança da liberdade.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

RESUMO: nesta monografia, analiso a obra literária *Pequena coreografia do adeus*, da escritora paulista Aline Bei, enfocando as sensações pessoais advindas da leitura da obra, que remetem à dança, tanto em estrutura como em conteúdo. De maneira introdutória, apresento meu contato com o livro e com a autora, bem como relato a ideia proposta para esta monografia. Dividida em dois blocos, o primeiro se ocupa com a forma da obra e suas relações com a dança, já o segundo bloco trata do conteúdo do romance e de como é possível conectá-lo à dança. Para finalizar, trago reflexões acerca do impacto da obra.

Palavras-chave: *Pequena coreografia do adeus*. Dança. Corpo. Escrita. Leitor

INTRODUÇÃO

Em 15 de setembro de 2017, numa sexta-feira, na cidade de Pinheiros, São Paulo, às 19 horas, a Livraria da Vila, localizada na rua Fradique Coutinho, 915, recebia a encantadora Aline Bei para o lançamento de seu primeiro romance¹: *O peso do pássaro morto*. Nascido através de uma oficina de escrita com o prestigioso escritor pernambucano Marcelino Freire², o qual premiou a obra através do Prêmio Toca, o livro mostrou para o que veio e recebeu diversos leitores, o que o levou a ganhar, um ano depois, o Prêmio São Paulo de Literatura, em 2018, e a ser um sucesso de venda entre os brasileiros.

A primeira obra literária de Aline Bei, publicada pela editora *Nós*, circulou bastante pelo Brasil antes da chegada de sua segunda obra. Nas lojas virtuais e nas livrarias físicas, lá está ele, *O peso do pássaro morto*, chamando atenção de todos pelo seu título e capa. Em meados de maio, no ano de 2021, em tempos de pandemia mundial ocasionada pelo coronavírus, a editora Companhia das Letras publicou *Pequena coreografia do adeus*, o segundo romance de Bei.

Devido às leis de isolamento, o lançamento do livro foi realizado via *live* pelo YouTube³, estando disponível a todos que desejassem assistir. Mas enquanto tudo isso acontecia na vida de Aline, eu estava presa à leitura dos clássicos e às obrigações da faculdade e trabalho, não tinha noção e conhecimento de sua existência, tampouco de suas duas incríveis criações.

Conheci a escritora pela internet, enquanto eu comprava livros para ler nas férias. Sempre apreciei a escrita contemporânea e já estava farta dos clássicos, então, junto às lembranças de falas de conhecidos e de postagens de trechos nas redes sociais com o brilho convidativo do título do primeiro livro da autora na página de indicações da *Amazon*, comprei as duas obras de Aline Bei: *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*.

Eu estava prestes a iniciar o último semestre do curso de Letras na Universidade de Brasília. Até então, eu já sabia que meu trabalho final de curso seria na área da

¹ Informações retiradas da revista eletrônica *Revista Cult Uol*, a qual se dedicou ao lançamento do livro de Aline Bei em sua página. Ver referências.

² Em entrevistas com autora Aline Bei, sempre é mencionada sua participação na oficina criativa de Marcelino Freire, escritor pernambucano.

³ Estreia do livro *Pequena coreografia do adeus*, por videoconferência, postado pela editora Companhia das Letras no YouTube. Ver referências.

literatura. Mas, durante muito tempo de angústia, eu não sabia qual livro e qual autor seriam esses. Até que, já em cima da hora, Aline Bei cruzou meu destino e, ainda indecisa entre trabalhar com a enigmática modernista Pagu e sua autobiografia ou com o baiano renomado Jorge Amado e sua criação *Tereza Batista cansada de guerra*, escolhi trabalhar com Aline Bei e sua segunda obra de uma maneira um tanto curiosa.

No aeroporto de Brasília, ansiosa para um voo rumo ao Nordeste, li pela primeira vez as palavras contidas de *Pequena coreografia do adeus*. Como chegamos cedo, esperamos um tempo no embarque, o que me fez perceber a primeira reação causada pela leitura dessa obra: a fluidez com que meu cérebro, atento, engolia e processava cada palavra em versos daquela prosa. Quando vi, já estava quase na página 100 e era necessário pegar as malas e embarcar. Enquanto eu lia, sensações diferentes que só mais à frente eu compreenderia surgiam a cada segundo.

Aqueles “versos-soluços”⁴ me sufocavam com suas semânticas pesadas. E eu queria continuar sabendo qual seria o destino de Júlia Terra. Eu queria ler mais, mais e mais. Porque é isto que essa obra faz com a gente: nos convida a ir cada vez mais fundo. No segundo dia de viagem, ainda sem completar a leitura do romance, sentada à beira da praia, numa mesa de um restaurante, observei com atenção aqueles corpos seminus que iam e viam, a liberdade com que pareciam se mover devido ao ambiente. As ondas do mar, que também iam e viam, exibiam uma sutileza e delicadeza indescritíveis, ao mesmo tempo que se era possível ouvir o som forte e sentir o impacto pesado e bruto das ondas. Não sei por que, pensei em dança. Chegando na casa que havíamos alugado, senti o livro com o tato, comecei a ler novamente a primeira página. Senti movimento, harmonia, ritmo. Pensei: é uma dança. Pronto, foi um *insight*, e eu tinha certeza de que iria trabalhar com *Pequena coreografia do adeus*.

Eu ia cavando o solo fértil da narrativa. Obcecada, me pus a pesquisar sobre a autora. Aline Bei era tão “gente como a gente” que eu não pude deixar de me apaixonar ainda mais pelo criador e pela criação. Mande uma mensagem a ela enquanto estava numa mesa de praia, o sol cobria tudo acima de mim e era difícil enxergar a tela do celular, mas a resposta dela estava ali, me esperando. Receptiva, ela agradeceu meus elogios e disse estar muito contente com minha escolha de monografia.

Nesse momento, as palavras se juntaram no meu cérebro e eu automaticamente enviei a ela o nome do que seria o título: “Quando as palavras dançam”. É, foi isso mesmo,

⁴ Expressão da mestranda em Letras, da Universidade Federal Fluminense – UFF, Mell Ferraz, retirada do seu canal no YouTube “Literature-se”. Ver referências.

o título simplesmente apareceu a mim, enquanto eu estava numa mesa de praia, sob um sol atordoante, conversando com a autora paulista pela rede social. Assim nasceu o título deste trabalho.

De início, tive dificuldade para sintetizar a obra. Por muito tempo eu soube que trabalharia com *Pequena coreografia do adeus*, só não sabia como. Pensei em falar sobre traços característicos da literatura contemporânea na obra, mas ficaria tão superficial. Durante um momento, simplesmente não pensei em nada, apenas lembrava da dança, dos movimentos, era sobre isso que eu queria falar.

Por isso, este trabalho é dividido em dois blocos. Em ambos, proponho uma análise da obra por meio da observação do elemento dança. No primeiro bloco, me preocupo em estudar a dança por meio da forma do texto, ou seja, através dos versos e do aspecto poético a que remetem. No segundo, trabalho com a dança através do conteúdo, como ela é exibida na história e qual seria seu simbolismo presente. Em todo o texto, exponho a antítese presente na obra, o que também procuro relacionar à dança.

Peço compreensão e paciência aos leitores, pois não pretendo provar a quem ler esta monografia que *Pequena coreografia do adeus* tem palavras dançantes ou que é capaz de nos fazer dançar sozinhos. Esta monografia é uma análise autoral e pessoal do livro, embasada por pesquisas que já estudam a relação escrita-dança. Assim, o trabalho não tem caráter estritamente científico, nem se preocupa em se aprofundar no estudo da dança, mas sim em expor a análise de um texto de acordo com o sensorial obtido e as impressões causadas pela leitura.

Sim, este trabalho é sobre a minha leitura de *Pequena coreografia do adeus*. Meu ato de ler essa obra fora diferente do de todas as demais, provocando percepções sobre a leitura que não conhecia. Às vezes a gente se esquece da nossa capacidade de ler.

1. OBSERVANDO A DANÇA

1.1 A dança das palavras

Caso me permita, gostaria de lhe propor um desafio. Entregarei em suas mãos o livro, *Pequena coreografia do adeus*, e me dirás o que sente ao folhear as páginas. Dá vontade de ler, não dá? É como se as palavras se oferecessem a quem as ler: venha nos olhar de mais perto, venha nos ler com mais atenção. Seria um livro de poemas? As palavras que estruturam a obra seguem uma lógica diferente da dos demais romances.

A originalidade presente em *Pequena Coreografia do Adeus* se inicia a partir disto: sua estética. O romance é desenvolvido em, pode-se dizer, versos, nos quais, em vários momentos, algumas de suas palavras e letras sofrem interferências nas formas e nos tamanhos. - É como uma dança, - eu gosto de dizer. Os movimentos que as palavras tomam são como passos harmoniosos e sincronizados. É bonito de se ver.

A estética literária, assim como grande parte das áreas de conhecimento, sofreu modificações no decorrer do espaço-tempo. Na contemporaneidade, a literatura experimenta técnicas inovadoras, rebeldes e provocativas em relação a sua beleza. Um romance em versos, no qual as letras iniciais das orações são minúsculas, as pontuações estão inadequadas e não há critérios gramaticais de escrita, é desafiador e fora da curva. Em *Pequena coreografia do adeus*, a estrutura textual é um retrato fiel de uma dança libertária das palavras. Isso porque não há como todos esses movimentos se manifestarem senão devido à liberdade que a escrita criativa contemporânea tem a oferecer como território. De acordo com Todorov, em sua obra *A literatura em perigo*: “Nesse momento da história, a arte encarna tanto a liberdade do criador quanto a sua soberania, sua auto-suficiência e sua transcendência com relação ao mundo” (TORODOV, 2009, p.52). Logo, relaciona-se a estética da obra de Aline Bei tanto ao belo, devido à poética presente nas palavras em versos, quanto ao que transcende às normas comuns, devido à liberdade com a forma da escrita, característica carregada pelo tempo moderno.

Mas vamos com calma. Que tal analisarmos com precisão e atenção a dança? Assim compreenderemos de maneira esclarecedora que corpo é esse e quais passos são dados. É necessário observar a dança antes de dançarmos e, no caso de *Pequena coreografia do adeus*, dançam as palavras entre si, mas dança, também, o leitor com as palavras. Agora seremos estudantes e observadores, o público do espetáculo das palavras. Desvendaremos alguns dos recursos estruturais inovadores que preenchem essa obra intrigante. Vejamos um trecho do primeiro capítulo, denominado “Júlia”:

foi quando Eles atravessaram
a rua como se
Dançassem

sumiram ensolarados

eu invisível

mas

pra mim eles ficaram
duas estátuas no meio da praça: uma mulher de beleza cinematográfica
e
um homem feliz que era meu pai sempre triste quando estava ao meu lado

eu quis correr
atrás deles
...(BEI, 2021, p. 14)

Viu só como, no decorrer da leitura, as palavras ganham sonoridade e movimentos, como se fizessem parte de uma dança? As letras, as palavras e o corpo do texto carregam intensidade. Não é à toa que o pronome “Eles” está grafado com a inicial maiúscula, mesmo que no meio da oração, porque essa palavra não é qualquer palavra. Não é apenas o pronome pessoal da terceira pessoa do plural.

Na história, Júlia, a protagonista, ainda criança, enquanto estava na praça com uma amiga, avista seu pai com uma nova mulher. Ela se sente pequena em relação a “Eles”. É um acontecimento esmagador, que atravessa Júlia enquanto ela menos espera, o que a torna vulnerável, pequena, menor. A inicial maiúscula quer dizer exatamente isto: grandeza. E a prova está logo ali quando a leitura avança.

O “eu” é grafado com uma forma menor, não só nesse trecho, mas em outros vários momentos do romance. Ora, está mais do que explícito: *Pequena coreografia do adeus* é a representação do que consideramos “o peso das palavras”. O “eu” é inferior, de menor peso na balança, porque é como a protagonista se sente e se enxerga em relação a si.

Com o verbo “Dançassem” acontece fenômeno semelhante ao do pronome “Eles”. A inicial maiúscula fornece ênfase à palavra, é como se ela tivesse personalidade própria e significasse muito mais do que seu próprio significado. Esse recurso estético utilizado pela autora acontece com diversos vocábulos até a última página do livro. Interessante, não? A criatividade estética com que *Pequena coreografia do adeus* se tece é a beleza

ultrajante que cativa o leitor. O belo não está na forma em si, mas no que a forma exprime e representa.

Pense bem, ficaríamos mais de um ano, provavelmente, se fôssemos analisar cada aparição de vocábulos transformados, seja em suas letras, formas e posições. E, como nossos objetivos estão além, é válido expor outros tão valorosos e criativos recursos estéticos utilizados em *Pequena coreografia do adeus*, de modo breve. Talvez, um dos meus favoritos seja a modificação da palavra de forma que as letras estejam separadas em espaços, causando uma leitura mais lenta. A título de exemplo, segue abaixo dois trechos:

... fome f o m e
dos movimentos
vontade v o n t a d e
de balançar com a mesma força que eu percebia em algumas
crianças
no parque.
...(BEI, 2021, p.118)

... até que um dia ela me disse: vou comprar o uniforme.

senti A l í v i o
ao vislumbrar a sua imagem
se aproximando
do portão da escola.
... (BEI, 2021, p. 134)

No primeiro trecho notamos modificações não somente nas letras, mas nas posições que os versos tomam. E não é por acaso que a palavra “movimentos” está posicionada à direita em relação aos outros versos, assim como o verbo "balançar" e o resto da oração, que também ganham um deslocamento. O significado de algumas palavras parece ganhar vida e autonomia no texto. A ousadia com as palavras presentes em *Pequena Coreografia do Adeus* é um dos seus traços característicos.

O leitor da obra, ao se deparar com trechos nos quais esses recursos estéticos se manifestam, desenvolve sensações e acompanha a sonoridade causada pela leitura. A l í v i o é lido de uma forma alivante, pois suas letras separadas causam uma leitura mansa, com pausas na respiração e com delicadeza. Assim como na questão do alinhamento de versos, os verbos e os substantivos que adquirem cinesia são justamente os que se relacionam à mobilidade.

1.2 A dança entre prosa e poesia

Até aqui analisamos brevemente a forma em poema de *Pequena coreografia do adeus*. Mas não há como passar despercebida aos nossos olhos a intrigante dança entre a prosa e a poesia que compõem a obra. Quando penso em rotular *Pequena coreografia do adeus* em prosa poética, parece-me que estou vendo apenas a ponta do iceberg.

Um romance consagrado, por exemplo, *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, pode ser considerado uma prosa poética, pois usa de elementos poéticos em seu conteúdo, como as figuras de linguagem, e a estrutura textual prossegue em forma de prosa, sem versos. Talvez *Pequena coreografia do adeus* seja um extenso poema em prosa? Também não acho que possa ser assim chamado. Mas aposto bastante na ideia de que Aline Bei bebera das fontes do lendário e prestigioso poeta simbolista Charles Baudelaire - apontado, inclusive, como grande precursor da prosa poética-, para a criação de seu romance versificado, como gosto de chamar.

Baudelaire escreve em sua obra *Pequenos Poemas em Prosa (Le Spleen de Paris)*, na dedicatória a seu amigo, com muita audácia e orgulho sobre a realização do hibridismo entre a poesia e a prosa: “Quem de nós não sonhou, em dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rima, bastante maleável e variada para adaptar-se aos movimentos líricos da alma, às ondulações da fantasia, aos sobressaltos da consciência?” (BAUDELAIRE, 1937 p.5). De fato, o uso da prosa e poesia para a construção de um texto é assumir a ruptura com o que é usual e adentrar num caminho novo, o qual é necessário saber conduzir a caminhada, para que seja realizada da melhor maneira, aproveitando todas as paisagens, tudo o que é externo, junto com as transformações interna. Coisa que, inclusive, a autora da obra que estamos trabalhando executa de maneira brilhantíssima, pois Aline consegue diversificar e confundir nossas mentes, abusando da poesia, com a forma e com o conteúdo e

É através dos versos, das modificações das palavras e das letras e do lirismo subjetivo do conteúdo que um certo tipo de “paisagem emocional”⁵ é construído por meio da leitura do livro. O leitor é capaz de construir uma imagem mental sobre o universo particular da narradora, sobre seus sentimentos compartilhados conosco, logo, a individualidade da protagonista só é transmutada devido à ambiguidade presente.

Já que tanto se falou do belo, aqui está mais uma beleza que podemos mencionar em relação ao livro: a maneira com que Aline Bei desenvolve esse, levando aos leitores curiosidade, questionamentos e reflexões. De uma certa forma, a obra cumpre com seu

⁵ Expressão criada pela escritora brasileira Aline Aimee, retirada do seu vídeo no YouTube. Ver referências.

propósito de atingir ao leitor, seja por incomodar e causar estranhamento, seja por recolher admirações e boas sensações pessoais, provocadas talvez unicamente por essa conexão entre a prosa e poesia.

1.3 A dança e o dançarino

Chamo de dança porque são passos harmoniosos e cautelosos dados pelas palavras, pela poesia presente que traz o lirismo, o ritmo, a sonoridade. Essa percepção só pôde ser acionada devido à leitura atenta desses vocábulos. A observação das palavras modificadas não as faz ter o mesmo movimento que teriam se fossem lidas, o movimento, obviamente, está ali, vimos as modificações escolhidas pela autora, mas para que essas modificações contenham sentido, é necessário que haja um leitor que acompanhe atentamente os passos dos léxicos.

Então, a partir da relação leitor e texto, uma nova dança é realizada. De acordo com Ligia Gonçalves Diniz, em seu artigo “Tempo e gravidade: emprestar da dança um léxico poético”: "Portanto, ler um poema é colocá-lo e, a partir daí, colocarmo-nos em movimento” (DINIZ, 2020, p. 349). E, ainda, acerca da relação da poesia e da dança, através do pensamento do coreógrafo e teórico Rudolf Laban⁶, ela escreveu:

Pela experiência poética também nos atamos fisicamente à Terra. Do mesmo modo que sentimos nosso corpo se ativar ao vermos outro corpo se mover, sugiro que também um poema é capaz de nos empurrar, chutar, cutucar, bater, atirar, açoitar, roçar, agitar, prensar, partir, apertar, arrancar, colher, esticar, alisar, lambuzar, borrar, espalhar, mexer etc., ações que o coreógrafo e teórico Rudolf Laban (1978, p. 113) enumera em seu tratado sobre os movimentos corporais que se baseiam na interação entre tempo, espaço e peso, a qual produz fluxos. (DINIZ, 2020, p. 337,338)

Logo, ao dançarem as palavras com suas modificações visuais, junto à leitura de um indivíduo, não há como não sentir essa dança. Acompanhamos os movimentos das palavras e, mesmo que de maneira sensorial, damos os seus mesmos passos. Apesar de estarmos falando sobre sentimentos e sensações desencadeadas pela leitura de uma específica obra, aposto que essa ideia de relacionar a escrita e o ato de ler à dança está mais para uma leitura racional do que sensorial ou emocional. Para fundamentar minhas palavras, trago trecho do livro *O que é leitura* de Maria Helena Martins, que corrobora com o pensamento proposto:

⁶ Rudolf Laban foi um coreógrafo, dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, que escreveu o livro *Domínio do Movimento*. Ver referências.

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler atribuir significado a cada texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura e da própria realidade social. (MARTINS, 2012, p. 66)

A relação entre o leitor e o texto, que ocasiona na metáfora da dança, é mais uma revelação de seu caráter inovador. Na obra de Aline Bei, o corpo textual em forma de poema, - com seus versos em deslocamentos-, revela a nós, leitores e amantes das artes, a possibilidade revolucionária de fazer uso da escrita criativa para a criação de uma prosa que por si só e, quando lida, adquire cadência, passos semelhantes à sensação de estar dançando, de estar em movimento.

Há quem não aprecie, quem estranhe à primeira vista, mas se encanta com o espetáculo no final. É justo, pois nem todo indivíduo está acostumado a inovações, a regras quebradas e a um livro moderno que transita na prosa e na poesia. *Em Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, escrito por Regina Dalcastganè, é reforçada a ideia de estranhamento que emerge na contemporaneidade: “A não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 5). Um dos pilares que mantém a arte contemporânea de pé é a subversão. Pobre indivíduo acostumado às normas gramaticais, *Pequena coreografia do adeus* deve ser um desafio e tanto para ele. O caminho do desconhecido, do novo, sempre é desafiador.

Jean-Paul Sartre, em sua biografia *As Palavras*, descreve suas impressões e relações, desde quando ainda era criança, sobre o ato de ler. Nos interessa sua escrita, como um paralelo a tudo que vimos até agora, pois Sartre consegue traduzir com veemências o resultado obtido entre leitor e livro, tanto esteticamente quanto em questões de conteúdo. Finalizo este bloco, portanto, na tentativa de introduzir o próximo, o qual se importará com a relação leitor e conteúdo e com as incríveis palavras do autor:

Ao cabo de um instante, compreendi: era o livro que falava. Dele saíam frases que me causavam medo: eram verdadeiras centopeias, formigavam de sílabas e

letras, estiravam seus ditongos, faziam vibrar as consoantes duplas: cantantes, nasais, entrecortadas de pausas e suspiros, rica em palavras desconhecidas, encantavam-se por si próprias e com seus meandros, sem se preocupar comigo: às vezes desapareciam antes que eu pudesse compreendê-las, outras vezes eu compreendia de antemão e elas continuavam a rolar nobremente para o seu fim sem me conceder a graça de uma vírgula. Seguramente, o discurso não me era destinado. Quanto à história, endomingara-se: o lenhador, a lenhadora e suas filhas, a fada, todas essas criaturinhas, nossos semelhantes, tinham adquirido majestade, falava-se de seus farrapos com magnificência; as palavras largavam a sua cor sobre as coisas, transformando as ações em ritos e os acontecimentos em cerimônias. (SARTRE, 1984, p.33,34.)

2 DANÇANDO COM AS PALAVRAS

2.1 Movimentos violentos

De fato, *Pequena coreografia do adeus* é um livro triste. Apesar de ser rápida e fluida, a leitura dessa obra é intensa, diria que até sufocante. Isso porque o drama em volta da protagonista, ou melhor dizendo, exposto pela protagonista, atravessa quem o acompanha, ou seja: o leitor. Neste bloco, conheceremos mais profundamente o desenrolar desse romance e as bases que o sustentam. Numa tentativa de, metaforicamente falando, dançarmos juntos à dança da libertação, a pequena coreografia do adeus de Júlia Terra, analisando as características da protagonista e de sua narrativa, bem como dos outros personagens e da obra em si.

Daí o porquê do título deste bloco. Se anteriormente estávamos preocupados em estudar a possível dança das palavras, a relação dança e escrita, a estética da obra, aqui abre-se espaço para compreendermos o conteúdo; quais as características principais do romance; os temas presentes; de que maneira é construído e de que forma essa leitura pode ser tão inovadora para além da estética e como ela pode estar relacionada à dança.

Narrado em primeira pessoa, pela protagonista Júlia Terra, o romance é dividido em três partes. A primeira, intitulada “Júlia”, nos convida a adentrar no imaginário e na visão da realidade na qual a garota, pré-adolescente, é condicionada a viver. Conforme a leitura prossegue, Júlia vai crescendo e suas mudanças mentais, comportamentais e físicas também são demonstradas a nós pela personagem. Na segunda parte, denominada “Terra”, encontramos Julia adulta, em busca de sua independência, da sua profissão, de seu, finalmente, lugar nessa Terra. A terceira parte é a menor do livro e é voltada para sua relação com a escrita.

Em seu primeiro livro, *O peso do pássaro morto*, Aline Bei desenvolve a história de sua personagem mulher em crescimento, com acontecimentos vividos dos 8 aos 53 anos de idade. Com Júlia Terra o mesmo acontece, nós leitores somos inseridos no seu imaginário que evolui de acordo com o tempo, acompanhamos uma criança que irá crescer e se tornar uma adulta. Como na realidade, crescemos e envelhecemos e muito do que pode acontecer durante esse processo humano são dores, perdas, violências e acontecimentos ruins no geral. Nas falas da própria Aline Bei, seus dois livros abordam violências e “o corpo de uma mulher no mundo sendo atravessado por essas violências”⁷.

⁷ Fala da própria autora retirada de uma entrevista, via Youtube, realizada pela editora Antofágica. Ver referências.

Em meio a um contexto familiar violento, Júlia tenta sobreviver aos diversos traumas impostos em seu corpo e sua mente. Sua mãe, dona Vera, é uma mulher violenta, manipuladora e agressiva com a própria filha. Várias são as cenas de crueldade da mãe para com a filha demonstradas na obra, as cenas mais difíceis de serem digeridas, confesso. De agressões físicas:

ouvi
o barulho do fogão ligando
e pensei que ela esquentaria uma panela de água para me queimar.

quando voltou somente com a Cinta
eu fiquei
bem mais calma
que bom que vai ser o de sempre (BEI, 2021, p. 20,21)

a agressões psicológicas e humilhações:

lembra, mãe?
quando a senhora entrou no meu banho
e me chamou de suja porque a minha calcinha estava
amarela do corrimento que eu comecei a ter? (BEI, 2021, p. 47)

Estamos pouco acostumados a histórias, inclusive reais, nas quais a mãe é a vilã e causadora de males a seus filhos. E, no caso de dona Vera, os sinais demonstram que ela também sofrera violência por parte de sua mãe, avó de Júlia: “- sua avó era pior do que eu, Júlia” (BEI, 2021, p. 59), diz Vera minutos antes de contar à filha sobre a avó, a qual foi abandonada pelo marido quando ainda estava grávida. Ou seja, a avó de Júlia era violenta com sua filha, dona Vera, que reproduz a violência em Júlia. E, como uma bola de neve que só cresce, a violência se expande, sendo a protagonista quem também irá reproduzir as bestialidades aprendidas em casa, desde quando criança:

parti
pra cima dela

- você não cala a boca (soco) não cala essa boca (soco)
minha amiga de boca sangrando
no banco da frente
a mãe da minha amiga sangrando de raiva no banco
da frente

eu também sangraria
em breve
quando a minha mãe tirasse a Cinta
do armário. (BEI, 2021, p. 16)

Na obra, o ciclo da violência é demonstrado com bastante evidência por meio da família e dos indivíduos que dela fazem parte. Logo, o que se percebe é uma

demonstração psicológica e crítica em relação ao tema da violência e sua perpetuação na obra. O abandono também é visto de maneira recorrente em *Pequena coreografia de adeus*. No decorrer da história, Júlia é forçada a viver o abandono do pai, que vai se esquivando pouco a pouco de suas responsabilidades com a família, indo visitá-la de vez em quando, nutrindo a ausência na alma de Júlia. Em seu diário, ela escreveu: "A minha mãe ele abandonou de uma vez, mas comigo é pior, ele fica me abandonando devagar" (BEI, 2021, p. 28). E o ciclo se repete. O abandono por parte dos homens em relação às suas mulheres e filhas e a violência perpetuada de mãe para filha.

Sobre o uso da violência nas obras contemporâneas, Regina Dalcastagnè afirma:

De um modo geral, a personagem da narrativa brasileira contemporânea “sabe o seu devido lugar”. Na literatura, como nas telas de novelas, na publicidade, no jornalismo, em suma, nas outras representações de nossa realidade (ainda que não necessariamente nela própria), a divisão de classes, raças e gêneros é muito bem marcada: pobres e negros nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais nos espaços públicos, mulheres dentro de casa, negras na cozinha... Nas narrativas, os contatos entre os diferentes estratos são, em geral, episódicos. Quando aparecem, quase sempre, estão marcados pela violência – mas, aí, costuma-se privilegiar a violência aberta com que, por vezes, expressam-se integrantes das classes subalternas, em detrimento da violência silenciosa, estrutural, que é exercida sobre os dominados. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 69)

A tragédia que Julia sofre e compartilha conosco é desconfortável e agonizante, sendo difícil acompanhar sua narrativa. Sejamos sinceros, não há como não criar empatia e não entender a garota, várias são suas perdas: a da infância, corrompida e desnaturalizada devido às violências sofridas:

- não, não, uma criança tem que morar com a mãe!
- mas eu não sou mais uma criança!

e quando eu tinha sido? (BEI, 2021, p. 84)

a do pai: “Quem é meu pai? É normal a gente desconhecer as pessoas que a gente achava que conhecia?” (BEI, 2021, p. 69.70), que pouco a pouco foi deixando-a, até morrer e a perda se concretizar; a avó, que morrera quando ela ainda era um bebê: “e talvez por isso tão querida avó (o que eu amava era o mistério, era a possibilidade de, caso tivéssemos nos conhecido, ser bom” (BEI, 2021, p. 55) ; sua mãe, que, na verdade, acredito que Julia

nunca possa ter a tido, mas que, devido à violência que Vera também sofreu, fez com que a filha perdesse a oportunidade de ser criada de maneira respeitosa e acolhedora:

- a sua vó era pior do que eu, Júlia.

mas o que minha mãe não entendia é que ser menos pior ainda era muito pouco, nós precisávamos de uma mudança radical e para isso ela não teve forças, a dona Vera nunca soube como se levantar do que lhe acontecia. (BEI, 2021, p. 59)

Essa sucessão de sofrimentos torna Júlia um ser humano com pensamentos negativos, com bastante desconfiança de si, com medos e traumas que ela mesma exterioriza, de modo que também é uma tarefa exaustiva acompanhar sua visão sobre a família, sobre a vida, sobre si mesma: “eu procurava no dicionário/palavras que pudessem me representar: desarmonia, descompasso/ peso, rocha” (BEI, 2021, p. 131). O sentimento de deslocamento e de solidão se erguem em Júlia, que também tem problemas de convivência e relacionamentos, principalmente na escola. O bullying é outro tema trabalhado em *Pequena coreografia do adeus*:

ficava ali por longos minutos

] escutando

o que as bailarinas falavam sobre mim .
queria dar Liberdade a elas, que fossem mais longe
e elas foram, me chamaram de: besta, inútil, pesada, sem
talento, feia, tenho pena, pior que pedra, tenho pena. (BEI, 2021, p. 146)

sendo a violência retratada na obra demonstrada em vários âmbitos, inclusive por indivíduos tão jovens, o que contribui para sentimentos e reações desagradáveis ao leitor.

2.2 Movimentos contraditórios

Entretanto, poderia ser ainda pior para nós, leitores, e para Júlia Terra. O que seria de nossas vidas se não existisse a inteligente capacidade humana de ressignificação? Mesmo que a violência e o sofrimento abracem Júlia, a esperança também reside ali dentro dela, e isso é demonstrado, por exemplo, quando Júlia se dispõe a dançar em aulas de ballet:

a minha cabeça estava toda voltada
para a Dança
boa ou má que eu realizava, não importa, eu só queria continuar tentando
e continuar
tentando
já que o exercício da Busca
me proporcionava o lugar mais acolhedor que eu tinha
habitado até ali (BEI,2021, p. 132)

e quando escrevia em seu diário: “isso deve esvaziar a mente, deve ser como/ jogar um balde /de água suja no ralo do quintal” (BEI, 2021, p. 26), no início de sua relação com a escrita. Com o passar do tempo, esse relacionamento vai se tornando cada vez mais profundo e benéfico para a garota:

era quase melhor falar com a folha
que apenas escutava
silenciosa, mas atenta
quente
e sempre receptiva à minha dor. (BEI, 2021, p. 85)

O que se nota é o incrível uso de dois extremos contraditórios: o sofrimento e a esperança tecendo a narrativa de Júlia Terra. Essa talvez seja a grande jogada de Aline Bei com sua criação literária. Mais uma prova de sua autenticidade e originalidade. A antítese presente na obra pode ser compreendida não só no hibridismo entre prosa e poesia, ou nos versos harmoniosos e belos contidos de palavras que trazem peso, dor e sentimentos negativos, mas também no próprio romance o qual a protagonista expõe.

O ápice da virada de chave, da mudança brusca, tanto para a história em si como para Júlia, acontece após uma experiência traumática com as aulas de ballet. A diretora da escola havia inscrito a garota depois do episódio de violência manifestado por ela em outra colega, a fim de que, talvez, com a constância em atividades extracurriculares, Júlia pudesse lidar melhor com suas emoções.

Todavia, o que deveria ser a realização de um desejo, um escape dos problemas, acabou se tornando um fardo maior. As bailarinas a detestaram, a professora não tinha muita paciência e a própria Júlia parecia não levar muito jeito para a dança. Mesmo assim, ela não desistia, continuava mantendo esperança em sua força de vontade. Começou a passar horas no Teatro, ensaiando e, com isso, ouvia conversas das bailarinas que chegavam, humilhando-a com palavras.

Certo dia, Júlia ouviu conversas, mas não das bailarinas, e sim de sua mãe com a professora. E, enquanto a professora desestimulava a mãe e a menina, que ouvia tudo às escondidas atrás de uma porta entreaberta, o destino da garota muda, de repente. Seus

dedos ficam presos na porta depois que alguém a empurra e a tensão toma conta ainda mais da cena. Os alunos se aproximam, as pessoas ao redor se mobilizam para ajudar Júlia, que permanece forte, sem exprimir choros ou gritos. A partir disso, os olhares, que até então eram preenchidos de maldade e crueldade para a protagonista, se manifestam orgulhosos, empáticos e de muito respeito:

os
aplausos
?
pela minha coragem, disseram, e ainda por cima sem chorar.
as bailarinas
já não me olhavam com desprezo
?
outros alunos se aproximaram, a professora de geografia, a de português

e os Aplausos
quentes, intermináveis. (BEI, 2021, p. 150)

O grande triunfo de Júlia Terra, a conquista de um reconhecimento positivo, o enaltecimento tão esperado. A quebra de expectativa e as mudanças de sentimentos elaborados fazem parte de toda essa composição dicotômica explorada pela autora.

O relacionamento entre Dona Vera e a protagonista é complexo e intenso de ser compreendido, além de ser mais um exemplo que podemos citar o qual reforça o uso de opostos, no caso, amor e ódio, sendo explorados nas duas personagens. Mesmo com toda violência, Júlia ainda ama sua mãe, ainda sente respeito, e diria que até carinho, fato que influencia ainda mais no caráter esperançoso, assim podemos chamar, que a obra desperta nos leitores.

A propósito, fiquemos muito atentos a essa relação. Em certo momento de sua vida, Júlia experimenta um outro lado de sua mãe: “foi quando eu compreendi/ que a minha mãe tinha uma outra mãe possível dentro de si/ difícil de cavar, e como!” (BEI, 2021, p. 76). Durante a madrugada, após a saída definitiva de Sérgio da casa, Dona Vera permite e estimula uma aproximação zelosa com a filha, dividindo a cama e o sono com Júlia que, sozinha, passa a ir toda a noite à procura da mãe. A própria entrega de dona Vera a Júlia durante a madrugada, demonstrando ser uma mãe mais carinhosa: “ainda bem que eu tenho você, meu amor” (BEI, 2021, p. 72) nos traz incoerência, mas também arrebatada uma crença na possibilidade da presença da bondade, do zelo e do amor que uma mãe sente por sua filha.

Mas as contradições não param por aqui. *Pequena coreografia do adeus* não poderia ser regada a lirismo, sensibilidade, delicadeza e beleza com todo esse conteúdo

visceral se não fossem as figuras de linguagem usadas de maneira excelente na obra. A presença do eufemismo, por exemplo, é crucial para que haja uma sensação de leveza, de suavização e de minimização de peso das contrariedades que movimentam o romance. Júlia não nos apresenta seus sofrimentos de maneira crua, racional e fiel à realidade.

A sensibilidade é inerente à personalidade da narradora, logo, sua interpretação sobre o que acontece também é sensível. Assim como muitos comediantes apresentam ao seu público tragédias em forma de piadas e retiram dele risadas, Aline Bei constrói o drama doloroso de Júlia e o apresenta aos leitores em forma de poesia, com sutileza, arrancando de nós sensações de prazer. Vejamos os trechos a seguir:

em casa
minha mãe arrastava as suas dores como um Manto
ao mesmo tempo que marchava
seu velho soldado
era ele quem lhe causava uma falsa sensação de controle (BEI, 2021,
p.71)

porque em seu íntimo,
ainda que a ferida quisesse
cicatrizar
minha mãe tiraria a casca
e tiraria
a casca, seu corpo era uma espécie de museu da dor. (BEI, 2021, p.
78,79)

É possível notarmos o abuso das comparações e das metáforas presente nos versos compostos por Aline Bei. Ambos os trechos são contidos de melancolia, tratam de assuntos delicados da mãe de Júlia, quando a tristeza começou a fazer ainda mais morada em Dona Vera e na casa da mãe e filha, após a saída do pai. Portanto, ao usar a comparação em "arrastava suas dores como manto" e a metáfora "seu corpo era uma espécie de museu da dor", o receptor capta a mensagem de uma maneira diferente, com uma sensação mista de sentimentos: o peso advindo da dor exposta, mas a suavidade arrecadada pelas figuras de linguagem. Há um exagero delas, elipse: "tirei a roupa entrei no banho" (BEI, 2021, p. 64); onomatopeia: "bem rápido, pon pon pon!, igual ele pediu." (BEI, 2021, p.64); anáfora: "azul e livre/ azul e larga / azul mulher que Foge / vestida de cetim (BEI, 2021, p. 101); paradoxo: "fui a criança mais velha do mundo/ e estava me tornando/ a jovem mais antiga/ da rua" (BEI, 2021, p. 161); antítese: "então eu lhe entregava/ o nosso velho sorriso triste" (BEI, 2021, p. 82.), entre tantas outras, inumeráveis. A linguagem conotativa é vista em toda a obra, inclusive no título. Se observarmos bem, o que seria uma "pequena coreografia do adeus", se não uma tentativa

certeira de suavizar a ideia da partida? Desvendar o título é uma tarefa mais complicada que só apontar o eufemismo e a metáfora presentes. Veremos mais à frente com precisão o significado por trás do título. Mas, antes disso, não podemos nos esquecer da dança.

2.3 O corpo

Para que haja dança, deve-se ter corpos em movimentos. O corpo é um elemento muito importante para a construção de *Pequena coreografia do adeus*. Aqui trataremos, especificamente, sobre questões envoltas de um corpo de uma mulher cis, em crescimento e refém de um contexto opressor, tanto pela família como pelo mundo ao seu redor. Podemos fazer um recorte em relação ao gênero e como a autora explora, sutilmente, os problemas vivenciados por indivíduos específicos: como a mulher que engravida e é abandonada – a avó de Júlia, por exemplo, - a menina que menstrua e sente vergonha, a mãe que não aceita o passar do tempo e a idade avançada e se compara esteticamente com outras mulheres mais jovens, entre tantas outras aparições.

. O relacionamento entre Júlia e seu corpo se transforma conforme as suas mudanças e aparenta estar sempre vulnerável, à mercê dos padrões e das exigências que naturalizamos em relação à estética das mulheres. A percepção de Júlia sobre seu corpo e desenvolvimento físico, principalmente na pré-adolescência, é inocente e natural, como demonstra no trecho a seguir:

por isso eu brincava envergonhada, na testa uma lâmpada
iluminando
esse aviso: não era pra você estar aqui
já que meus pelos
involuntários
protegiam o lugar onde antes era só xixi e o leve formigamento
quando a pele encontrava a calcinha muito rente
isso gerava um flutuar no meu corpo. (BEI, 2021, p. 9)

Outrora, conforme seu crescimento, a vaidade e a autocrítica em relação ao seu corpo surgem:

percebi que o Seio dela
estava quase
sem blusa
mas agora também estava sem desespero
o formato de um corpo feminino
e também o meu futuro
de corpo, eu queria ter seios majestosos
iguais ao da minha mãe (BEI, 2021 p. 75.)

Outra manifestação relacionada ao corpo que se faz necessário o destaque é durante o momento em que Júlia acorda e nota a presença de sua menstruação, nela e pela sua cama. A natureza da filha, o seu corpo executando suas funções são completamente desrespeitados por dona Vera, que age de maneira ignorante e violenta em relação ao acidente inconsciente ocasionado por Julia, é difícil acompanhar:

quando abri os olhos pela manhã
senti um cheiro de
sangue? merda. tinha descido a minha menstruação
Pois
logo que voltei da escola
tive que lavar
sem máquina, você não vai usar a máquina.
o colchão, o lençol, o pijama, a calcinha
depois corri
com a dona Vera cronometrando
da cama até o vaso
do vaso até a cama
duzentas vezes
duzentas
vezes

- pra você não se esquecer onde fica o banheiro nessa casa. (BEI, 2021. p, 96,97)

Diante disso, podemos refletir sobre a possível proposta de denúncia, de crítica e de exposição de acontecimentos que, infelizmente, são reais e vivenciados por muitas garotas, carentes de informações, de acolhimento e de respeito sobre seus corpos, de quem deveria lhes conceber isso. A autora parece apreciar o famoso “dedo na ferida”, trazendo à tona aqueles assuntos desconfortáveis que as pessoas costumam esconder debaixo de seus tapetes, expondo, assim, diversas violências: de gênero, doméstica, familiar, e o corpo sendo alvo.

2.4 A dança da libertação

A aparição de mais ênfase do elemento corpo é demonstrada a partir da dança. As páginas voltadas para a complexa conexão entre Júlia e o ballet são o que eu chamaria de clímax do romance e o grande ponto de partida da personagem. É bonito acompanhar a força de vontade de Júlia para com a dança, de modo que sua perspectiva sobre é esperançosa, de muita sensibilidade:

eu queria entregar
na dança

o medo m e d o
que sinto
deixar ele ele se espalhe
e se perca
na música que dançaremos. (BEI, 2021, p. 119)

Com a tentativa esforçada de Júlia na imersão do ballet, abrem-se espaços para entendimentos acerca da catarse explorada na obra. Desde os primeiros contatos com as aulas de dança, Julia já demonstra um fortalecimento de sua esperança para com a vida: “*então Eu me libertava*” (BEI, 2021, p. 128), mesmo com todos os percalços que surgem, a protagonista põe em prática o que lá atrás ela havia desejado em um momento de *insight* na parte da lavanderia, enquanto cumpria suas obrigações em casa. Próxima à máquina de lavar roupas, ela pensou:

eu descobri
um novo divertimento: assistir ao trabalho da máquina
de lavar.
nossa, aquilo
me deixava amortecida
igual no jazz, Repare
como são vigorosos os cabelos de quem mergulha
o mesmo acontece
com as roupas, elas ganham fibra, elegância
se enlaçam e
se soltam em uma
pequena coreografia
do adeus

e quem sabe um dia
eu também consiga
me desprender das minhas amarras, quero fazer com essa
suavidade rítmica. (BEI, 2021, p. 98)

Ora se não é o nosso título dando luz à liberdade como meio de interpretação do que seria essa “pequena coreografia do adeus”? Ou seja, um conjunto de movimentos rítmicos ensaiados que exprimem a sensação de se desprender, se soltar e ser leve, tanto fisicamente como emocionalmente. Penso que essa sensação também é sentida por quem se assume leitor dessa grandiosa obra; já expomos lá atrás que toda essa composição que envolve forma e conteúdo e suas capacidades de trazer alívio em meio às tensões, como uma dança.

Júlia almejou aqueles movimentos e o resultado deles, mas, de maneira curiosa, apesar de ter sido um meio para seu momento triunfal, não foi a dança a maior causa, e sim a dor e a maneira como Júlia se portou diante dela. Até porque, apesar de sua autocompreensão sobre seu corpo e seus movimentos, os olhares alheios, principalmente

os da personagem Madame, professora das aulas de dança, eram ligados ao fato de seus movimentos serem iniciantes, seus passos desengonçados, sua ausência de aptidão:

a Madame foi me contando
com balde de água fria nas mãos

que tudo o que eu sentia por dentro, essa Chama

simplesmente não chegava
a quem me via.”

“e eu
pelos cantos, eu correndo atrás do fogo sendo água
eu caindo
no palco, tropeçando
no ritmo,
a Dança
virando a mão
de uma piscina
me afogando... (BEI, 2021, p. 129)

O encerramento do primeiro capítulo é desta maneira: com um grande triunfo de Júlia Terra e seus leitores, que são surpreendidos com a elevação da moral da protagonista. Como mencionado anteriormente, Júlia sofre um pequeno acidente com um de seus dedos da mão e é muito interessante a maneira como até esse acontecimento consegue ligar-se à dança:

- não quebrou nada - o bombeiro disse, examinando a minha mão.

foi quando eu olhei
pra ela: unhas com sangue/hematomas
na pele. parecia um
pé de Bailarina, sorri. (BEI, 2021, p. 151)

Desse modo, a reflexão que fica para o leitor é: qual seria o destino de Júlia caso não optasse por tentar se envolver com a dança? Seria sua libertação adiada? Se pensarmos que a experiência de Júlia com o ballet foi apenas o início, a grande abertura, a porta de entrada para acontecimentos melhores, talvez poderíamos responder que não. No segundo capítulo, as sucessões de acontecimentos que denotam sua liberdade são vistas com mais frequência. Já adulta, a protagonista sai da casa da mãe, consegue um emprego, se relaciona amorosamente, faz amizades, sente que tem controle de sua vida:

então
é isso?

agora eu sou dona
do meu tempo
e do meu corpo. (BEI, 2021, p. 166).

Já no capítulo final, denominado “Escritora”, acompanhamos Julia fortalecendo seu envolvimento com a escrita. De anotações no diário a um romance com características autobiográficas, Júlia vai encontrando sua libertação também no ato de escrever. Ela troca cartas com um possível escritor, o que é intrigante e envolvente, mas, como se trata de *Pequena coreografia do adeus*, a desgraça não poderia deixar de comparecer. A obra se encerra através de um momento entre mãe e filha, no qual se nota Dona Vera sem lucidez, confundindo a filha com o marido. E, toda aquela sensação que nós, leitores, sentimos há pouco tempo, com a elevação de Júlia, parece ser tomada por agonia de um final triste e incompleto.

A gangorra que sustenta *Pequena coreografia do adeus* é uma divertida e aterrorizante experiência, seus movimentos, que sobem e descem, exploram os lados opostos que também habitam em nosso interior. Chegamos ao fim deste bloco, cansados por termos dançado passos trabalhados para revelar o poder que existe em se movimentar, mas satisfeitos com os aprendizados. Com Júlia Terra e sua pequena coreografia do adeus, aprendemos que é possível dançarmos a dança da liberdade, mesmo que nossos passos sejam desajeitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a leitura de um livro, aceitamos uma oportunidade de conhecer um conteúdo novo, entre incontáveis outros. Assumimos a responsabilidade como leitores e adquirimos informações, acompanhamos histórias, vivências de outrem, aprendemos assuntos novos, respondemos questões intrigantes, refletimos sobre nós mesmos e sobre a vida, deciframos possíveis enigmas, enxergamos as entrelinhas, achamos o que está escondido e sentimos, sentimos muitas emoções, sejam boas ou ruins.

Optando por ler *Pequena Coreografia do Adeus*, você poderá viver todas as experiências citadas acima e, para melhorar a situação, ainda poderá dançar, metaforicamente falando, claro. É um desafio, até porque, não são todas as pessoas que gostam de dançar. É um livro desafiador. Dito isso, notamos as reflexões que podem ser feitas diante do romance, como seu caráter inovador e sua capacidade transformadora.

Neste trabalho, desvendamos as camadas, das mais óbvias - como a forma em poema, a estética, o visual do livro -, bem como as mais profundas, o conteúdo, a simbologia, as contrariedades. Diante disso, podemos chegar à conclusão de que *Pequena coreografia do adeus* é uma obra revolucionária, pois traz o que é novo e estranho, de uma maneira criativa e original, e expõe o que é cruel e mórbido, de uma forma poética e bela. Além disso, sua leitura é acessível ao público, fluída e satisfatória, reforçando os traços da contemporaneidade presentes no livro. Graças à criatividade e ousadia de uma mulher inteligente, a criação literária obtém rumos diferentes, servindo de inspiração para os cidadãos brasileiros e até em contexto exterior.

Em consequente, concluímos também o poder transformador de *Pequena Coreografia do Adeus*, que se dissipa ao leitor, independentemente da aprovação deste em relação ao livro ou não, seja por estranhamento ou por fascínio, pois acompanhar as palavras e a história desse romance é se transformar, é sentir algo novo, é mover-se mesmo quieto.

Todavia, não podemos esquecer de que uma obra como esta não interfere e modifica somente o leitor, mas a sociedade como um todo, pois contribui para um espaço de estudo, como o deste trabalho, e para a disseminação o conhecimento, inclusive no mundo virtual, onde muitos trechos do livro são utilizados por usuários de redes sociais.

Em síntese, a leitura de *Pequena coreografia do adeus* nos permite sentir orgulho da literatura brasileira contemporânea. Não conseguirei esquecer do impacto que esta obra teve em minha vida, dançar com as palavras foi algo que jamais eu poderia pensar

em sentir. Torço para que *Pequena coreografia do adeus* seja ainda mais compartilhada entre leitores e que estes se transformem, assim como eu fui transformada.

REFERÊNCIAS

- AIMEE, Aline. Resenha: Pequena Coreografia do Adeus, de Aline Bei. Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=s6k6bDeAlXs&t=434s>>.
- ANTOFÁGICA. *Entrevista com Aline Bei: os clássicos e as inspirações da autora*. Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OZfw7NsYyDs&t=181s>>.
- ARRUDA, Renata. *Aline Bei conta a história de muitas mulheres em o Peso do pássaro morto*. Revista O Grito. 2018. Disponível em: <www.revistaogrito.com/o-peso-do-passaro-morto-aline-bei-entrevista/>.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. Ed. Nova Fronteira. 1993.
- BEI, Aline. *Pequena coreografia do adeus*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.
- BEI, Aline. *Como eu escrevo*. Arquivo de entrevistas. Disponível em: <<https://comoeuescrevo.com/aline-bei/>>.
- BAUDELAIRE, Charles. *Spleen de Paris*. Rio de Janeiro, Athena, 1937.
- COMPANHIA DAS LETRAS. Lançamento do livro “Pequena Coreografia do Adeus”, de Aline Bei. Youtube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oG_E89fMYVE&t=88s>.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro, Horizonte, 2012.
- DIAS, Jefferson. *Solidão e resistência – sobre o Peso do pássaro morto, de Aline Bei*. Revista Caliban. 2018. Disponível em: <<http://revistacaliban.net/solidão-e-resistência-sobre-o-peso-do-pássaro-morto-de-aline-bei-ba1d6cb1aacf>>.
- DINIZ, Ligia. *Tempo e gravidade: emprestar da dança um léxico poético*. Criação & Crítica., n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler (em três artigos que se completam)*, São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1982.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. Rio de Janeiro: Summus, 1978.
- LISBOA, Mell. “O peso do pássaro morto” e “Pequena Coreografia do Adeus”//Aline Bei. Youtube. Literature-se. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CTWdLuhQRdc&t=802s>>.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo, Brasiliense, 2012.

O PESO do pássaro morto, de Aline Bei. Revista Cult Uol. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-peso-do-passaro-morto-de-aline-bei/>>.

PAIXÃO, Fernando. *Poema em prosa: poética da pequena reflexão*. Artigo científico. Universidade de São Paulo. 2012.

PALMEIRA, Natasha. *Outro Baudelaire: sobre a forma livre de “O Spleen de Paris” e das “Memórias póstumas de Brás Cubas”*. Artigo científico. Universidade de São Paulo. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. J.Guinsburg. 6. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 13. Ed. Bertrand Brasil. 2008.

TOSCANO, Giovanni; Riemma, Rafael. *Palavra Chave: Gramática Completa*. 1. Ed. Brasília, HTC. 2011.